

“Temos que ir devagar, porque o santo é de barro”

Logo no início desta entrevista, concedida com exclusividade à **Coluna Pelo Estado**, o senador Luiz Henrique da Silveira (PMDB-SC) afirma: “Aqui não tem rotina”. Uma resposta à pergunta sobre o ambiente no Congresso. A partir daí desenvolveu-se uma conversa durante a qual o senador falou do momento do país, urgência da reforma política, corrupção, impeachment e de sua própria situação dentro do PMDB. Falou também da relação do partido em Santa Catarina com o governo Raimundo Colombo e expectativas para as eleições municipais de 2016 e as gerais de 2018. Essa entrevista é, na verdade, uma análise do cenário político e institucional do país, feita por um dos mais experientes e reconhecidos políticos de Santa Catarina. Já foi deputado estadual, deputado federal, prefeito de Joinville e primeiro governador reeleito do Estado. No âmbito nacional, foi ministro de Ciência, Tecnologia e Inovação, além de presidente de seu partido, o MDB, como não raro prefere falar. É advogado, já foi professor, é autor de inúmeros artigos e crônicas. Tinha 24 anos quando a ditadura civil-militar se impôs e foi nessa época que iniciou a militância política, no movimento estudantil da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).



[PeloEstado] - Como o senhor avalia o momento atual do país?

Luiz Henrique - O momento é delicado. Há um desencontro claro entre os poderes, entre o Poder Executivo e o Poder Legislativo, e no meio disso tem esse escândalo da Petrobras. Algo que nunca se viu na história desse país. Uma crise de corrupção tão grande, nunca se viu nesse país. Dizia-se que só ia para a cadeia ladrão de galinha, entretanto, diretores das maiores empreiteiras do país estão presos desde dezembro. E agora abrem-se investigações contra dezenas de políticos, senadores deputados, governador, ex-governador, ex-senador, ex-deputado... o clima aqui é de absoluta turbulência.

[PE] - Apesar disso, o que vislumbra de positivo?

LHS - Ou nós fazemos logo essa reforma política, essa reforma do sistema eleitoral, proibindo toda e qualquer doação (para campanhas eleitorais) de dinheiro por empresas privadas, principalmente aquelas que têm negócios com o governo, ou essa crise vai arrastar o país para uma situação imprevisível. Há um hiato muito claro entre Brasília e o Brasil. Brasília está isolada do Brasil. Tanto que levou tempo para entender a profundidade, a extensão e a gravidade do movimento dos caminhoneiros. No mesmo momento em que caminhoneiros de todo o país bloqueiam as estradas, enviando uma mensagem clara que não têm condições de continuar trabalhando com prejuízo, dirigindo por 12, 13, 14, 15 horas por dia, enfrentando longos caminhos, estradas esburacadas, situações de risco, bandidos na estrada... no mesmo momento em que toda essa tragédia dos caminhoneiros é apresentada ao país, a Câmara dos Deputados institui passagens para as mulheres dos parlamentares. Aumenta as vantagens para os parlamenta-

res. Houve o recuo, por pressão da sociedade, mas o fato de ter instituído demonstra que a angústia do povo não está sensibilizando os gabinetes de Brasília.

[PE] - O momento de crise é uma oportunidade para o país ser passado a limpo?

LHS - Eu não tenho dúvida que vamos sair bem melhores dessa crise. Mas o problema é que essa crise está sangrando o país e não sei quanto tempo nós vamos precisar para que se restabeleça a confiança do povo nos seus representantes e a roda da economia retome o crescimento. Quanto tempo vai levar?

[PE] - Como está o PMDB nesse cenário?

LHS - Sou absolutamente minoritário dentro do partido. Não sou chamado para as discussões da cúpula do PMDB. Portanto, não tenho responsabilidade por nenhuma decisão da cúpula do partido. Estou procurando influenciar para que o partido defenda uma reforma política já. Ontem mesmo (03/março) estive com o ministro Eliseu Padilha (Aviação Civil), juntamente com o deputado Ibsen Pinheiro (PMDB-RS) e demais membros da Fundação Ulysses Guimarães, onde apresentei minhas ideias relativamente à reforma política. Mas foi a primeira vez em que fui consultado para alguma coisa. Não tenho nenhuma responsabilidade pelos ministros que foram nomeados, nem pelas gestões do partido junto ao governo.

[PE] - Mas houve um telefonema da presidente Dilma Rousseff para o senhor. Uma tentativa de aproximação?

LHS - Ela ligou para agradecer minha intervenção na questão dos caminhoneiros. Eu fui ao ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo, juntamente com o senador Jorge

Viana (PT-AC), pedir a ele que abrisse negociações. Ela ligou para agradecer e me convidou para ter uma conversa... vamos ver...

[PE] - Quando?

LHS - Não sei. Não está marcado ainda. Não sei o dia, nem o teor.

[PE] - O que é preciso para melhorar a relação do governo com o Congresso?

LHS - Precisa fazer o que eu fiz, por exemplo, na relatoria do Código Florestal, da dívida dos estados e agora na convalidação dos incentivos fiscais dos estados. Tem que conversar! Tem que dialogar! No diálogo você encontra um caminho. O fato é que o diálogo está infartado. Tem que *desinfartar* o diálogo. Não pode é ficar um poder antagônico ao outro. Como eu disse quando fui candidato à presidência do Senado: eu, presidente, não seria nem submisso, nem antagônico. Buscaria construir as soluções no diálogo.

[PE] - Aliás, o senhor saiu com um bom patrimônio político da disputa para a presidência do Senado.

LHS - Não alterou muito. O que as pessoas têm consciência é que eu ganharia, não fossem as pressões governamentais, ou melhor, de setores de governo, eu ganharia fácil aquela eleição. A eleição mudou quando o Lula (ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva) veio a Brasília, fez um apelo ao PT... eu tinha seis votos no PT, tinha todos os votos do PDT, do PSB... e eu fui perdendo os votos de sábado para domingo. Mas isso são águas passadas. Eu não atuo com o fígado. Eu me perfo com o Gabriel García Márquez, que escreveu o seguinte: vou escrever todo o meu ódio em uma barra de gelo, colocar no alpendre e pedir a Deus que mande logo um sol muito forte. Esse assunto para mim está superado. E o que puder fazer vou fazer

para ajudar a tirar o Brasil do fosso em que se encontra.

O senhor viveu vários momentos da história do país. Ditaduras, golpes, impeachment, redemocratização. O momento atual se compara a algum outro?

LHS - Não. O momento atual é incomparável. É incomparável! Há uma sensação geral de falta de credibilidade das instituições. E agora vai haver uma autofagia no Congresso quando forem revelados os nomes das pessoas que estão envolvidas nessa cadeia de corrupção da Petrobras (Lista de Janot). Mas eu tenho a convicção de que fatos como esse, da Petrobras, do Mensalão, do Trensão e outros tantos, são consequência do sistema de financiamento das eleições. Se nós barrarmos qualquer contribuição privada de empresas, de pessoas jurídicas, e permitirmos apenas a doação por parte de pessoas físicas, mudaremos esse quadro. Se nós mantivermos o sistema atual, virão outros escândalos de corrupção pela frente. É a mesma coisa que a guerra. As guerras são oriundas do complexo industrial militar, assim como a corrupção é consequência do sistema eleitoral.

[PE] - O senhor acha que há clima ou possibilidade de acontecer o impeachment da presidente Dilma?

LHS - (longo suspiro antes da resposta) Olha... eu não acredito no impeachment. E se houver, terá que haver eleição de novo, em um ano. Nenhum fato do governo passado pode ser atribuído como razão para o impeachment. Tem que ser do atual governo. E do atual governo, o único fato que poderia levar ao impeachment seria a conexão entre o dinheiro roubado da Petrobras e o financiamento da campanha da presidente Dilma. Aí, sairiam do governo a

presidente e o vice (Michel Temer, presidente do PMDB Nacional), e assumiriam o Eduardo Cunha (PMDB-RJ) e o Renan Calheiros (PMDB-AL). Eu acho difícil que haja clima para o impeachment. Temos que ir devagar, porque o santo é de barro.

[PE] - Vindo para Santa Catarina, como está a relação do PMDB com o governador Raimundo Colombo e seu partido, o PSD?

LHS - No meu governo, eu tive várias crises com o meu partido. Imagina um governador que não é do MDB. Cada setor, parlamentar ou prefeito, se puder ter mais do governo, vai ter mais. Mas acho que há uma harmonia entre o governador e o vice (Eduardo Moreira, presidente licenciado do PMDB-SC). E o partido tem sido contemplado pelo governador, ocupando funções importantes e estratégicas do governo.

[PE] - PMDB-SC sai na cabeça de chapa em 2018?

LHS - Não tenho a menor dúvida. Menor dúvida. Um companheiro nosso será o candidato a governador, o vice será do PSD, o candidato a uma das vagas ao Senado será o Raimundo Colombo. A outra vaga vamos ver como é que se compõe, havendo até a hipótese de reeditar a tríplice aliança com o PSDB. As várias hipóteses não podem ser descartadas.

[PE] - Antes disso tem as eleições municipais de 2016.

LHS - E o PMDB vai continuar amplamente majoritário, com o maior número de prefeituras. Vou me empenhar para que PMDB e PSD e, se possível, o PSDB, estejam o mais harmonicamente possível conectados. Haverá casos em que nós disputaremos, é inevitável. Mas que na maioria dos casos tentemos fazer um esforço para compor os partidos.